

A ESCOLARIZAÇÃO DO ESTUDANTE SURDO E A DESCONSTRUÇÃO DAS BARREIRAS COMUNICACIONAIS PARA A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA, MODALIDADE ESCRITA

Verônica Silva de Souza
FACULDADE SALESIANA DE SANTA TERESA

A aquisição da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e da Língua Portuguesa (segunda língua)¹ em sua modalidade escrita pelo estudante surdo tem sido objeto de estudo de vários projetos de pesquisas, debates políticos/acadêmicos e, além disso, gerado muita preocupação nas famílias e nas próprias escolas quanto ao desenvolvimento de práticas pedagógicas que possibilitem a escolarização dessas pessoas.

Segundo Sanchez (2011 apud Lima e Lima, 2014, p.145), quanto mais cedo o contato da criança surda com a linguagem de sinais se efetivarem, maiores condições ela terá para desenvolver o aprendizado na Libras, organizar seu pensamento e, assim, desenvolver a sua língua materna e a sua segunda língua.

Assim, a partir da aquisição da Libras a criança surda poderá ser capaz de aprender a Língua Portuguesa, tornando-se um sujeito bilíngue, constituindo-se como, um indivíduo bicultural, ou seja, um indivíduo que convive em duas comunidades: dos surdos e dos ouvintes. Contudo, a interação entre essas duas comunidades necessita do domínio dos códigos linguísticos (L1/L2) empregados nesta convivência.

A legislação brasileira (BRASIL, 2005) define pessoa surda como àquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Além disso, declara que a importância da Libras ser inserida como parte da formação docente, no entanto, nem sempre foi assim.

Vale destacar que “[...] a linguagem integra e constitui a cultura de qualquer sociedade e a língua tem forte papel na constituição da identidade de uma sociedade, e a escrita da língua, por sua vez, promove a formação da memória cultural” (HEILY, 2012, p. 13). No entanto, de maneira contraditória, nas escolas, o surdo encontra-se diante da apropriação da L2 e não da sua língua materna, que faz parte da constituição da sua identidade e que acaba marcando a diferença dos usuários da L1.

¹ Neste estudo será utilizado L1 para Libras e L2 para língua portuguesa.

Para Lacerda (2006, p. 166): “[...] o modelo inclusivo sustenta-se em uma filosofia que advoga a solidariedade e o respeito mútuo às diferenças individuais, cujo ponto central está na relevância da sociedade aprender a conviver com as diferenças”.

No entanto, questiona-se, neste trabalho, se o modelo de inclusão educacional proposto no Brasil, e, de modo específico, em Corumbá, MS, está oportunizando a inclusão da pessoa surda?

Esta pesquisa tem como objetivo geral verificar como a rede municipal de ensino de Corumbá tem se organizado para garantir a escolarização do estudante surdo e a aquisição da língua portuguesa, modalidade escrita, nas séries iniciais do ensino fundamental. Logo, o caminho para responder esse objetivo contou com uma revisão bibliográfica, da construção de um panorama das matrículas de estudantes surdos matriculados na Reme de Corumbá elaborado com dados do Observatório do PNE e Censo Escolar (2017). Além do mais, procurou-se descrever como a Reme vem se organizando para ofertar a educação especial e identificar a partir do discurso de dois profissionais que atuam como tradutor/intérprete de Libras² fatores que potencializaram a escolarização de estudantes surdos.

A partir das análises iniciais verificou-se que, em Corumbá, havia o total de 359 estudantes público-alvo da educação especial (APAEE), matriculados em classes comuns (redes federal, estadual, municipal e privada de ensino). Desse número de matrículas, 13 estudantes foram identificados com surdez (6 na rede estadual de ensino e 7 na rede municipal). Quanto às redes federal e privada de ensino, segundo os microdados (2017), não houve registros de matrículas de estudantes surdos.

Além disso, conforme dados do Observatório do PNE, no município de Corumbá, havia em 2016, um total de 12 (doze) SRM. Destas, 8 (oito) pertenciam à Rede Municipal de Ensino e 4 (quatro) à Rede Estadual. Quanto à localização, duas das oito SRM da Reme encontravam-se na zona rural e o restante na zona urbana. Foi verificado, também, que no último Censo Escolar, havia um total de 14 intérpretes no município. Sendo que destes 5 (cinco) estavam atuando na rede estadual de ensino e 9 (nove) na rede municipal. Ressalta-se que o intérprete de Libras possui um papel muito importante na mediação do conhecimento nas classes comuns e contribui para desconstruir uma série de barreiras, entre elas, as de natureza comunicacional. Conforme relatado por um dos sujeitos desta pesquisa o tradutor/intérprete de Libras é uma das peças mais importantes do processo de inclusão, pois faz a ponte entre dois mundos (surdo) e (ouvinte) “assegurando o acesso à informação,

² A fim de preservar a identidade desses sujeitos eles foram identificados como intérprete A e intérprete B.

comunicação e educação” (INTÉRPRETE B, 2018). Destaca-se, ainda, que o intérprete B alerta que o entendimento sobre a inclusão (meio se adequa ao estudante) vem sendo confundido coma integração (estudantes se adaptam ao meio).

Palavras-chave: Surdez, Inclusão, Classe Comum, Tradutor/Intérprete de Libras.

Referências

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: 04 de out. de 2018.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Cad. CEDES**, Campinas , v. 26, n. 69, p. 163-184, Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>> Acesso em: 03 de out de 2018.

LIMA, Márcia Dias; LIMA, Marisa Dias. **Alfabetização e letramento com o uso da LIBRAS nas crianças surdas**. Disponível em: <http://perquirere.unipam.edu.br/documents/23456/422843/%3D_iso-8859-1_Q_Alfabetiza%3DE7%3DE3o_e_letramento_com_o_uso_da_LIBRAS_nas_cri_%3Dan%C3%A7as++surdas.%3D_iso-8859-1_Q_crian%3DE7as_surdas.pdf>. Acesso em: 06 de agosto de 2018

REILY, Lucia. **Escola inclusiva: linguagem e mediação**. Papyrus editora, 2012.